

CRÓNICAS

Fausto José

de Armamar para o mundo

*Assim no coração imenso dos poetas,
Após as vivas dores,
As torturas secretas
Que no silêncio audaz criou seu pensamento.
Fausto José, excerto de "Soneto"*

ANTÓNIO MARTINS, Professor
ajmm19@gmail.com

Esta semana venho falar-vos de um dos grandes poetas do Douro, Fausto José dos Santos Júnior, ou apenas, literariamente Fausto José. O autor nasceu em Aldeia de Cima, concelho de Armamar no seio de uma família abastada corria o ano o quarto ano do século XX, sendo a sua nascença a 13 de março. Veio a faleceu a 23 de setembro de 1975, já o país se estava libertando das décadas de ditadura. O seu nome tornou-se familiar quando o meu colega e amigo César Luís de Carvalho, lançou, aquando do centenário da morte do poeta, uma edição biográfica, ensaísta e antológica da vida e obra do "grande" Fausto José. Fiquei deliciado. Gosto imenso da poesia de Fausto José. E o melhor do que gostar e apreciar um Fausto (Guedes Teixeira), nada como apreciar outro Fausto, o José.

O autor empírico completou os seus estudos primários em Aldeia de Cima, frequentou o Liceu Nacional de Lamego (1914-1917) e depois o Liceu Central de Rodrigues de Freitas, no Porto (1917-1920). Na linhagem profissional do pai, as pisadas do pai, licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1929. Inicia a vida profissional como advogado em Armamar, mas dizem as "línguas do povo" que a sua clientela era parca e a sua vocação nula, não adquirindo, assim, nome na praça. Ainda sonhou com a carreira consular mas também não foi feliz. O seu destino mesmo era ser conservador do Registo Civil, embora tivesse confidenciado que detestava a vida burocrática. Nem mesmo o facto de ter sido presidente da Câmara Municipal de Armamar, entre 1940 e 1951, o motivou para as tarefas mundanas e mecânicas.

Disse Fausto a José Régio, com quem manteve correspondência, «Decididamente, não nasci para fazer registos e passar certidões que nada me dizem.» Os seus pares diziam que gostava da caça e das letras, da poesia, da reflexão. Estudante em Coimbra, foi colega e contemporâneo do vilacondense José Régio, o transmontano Miguel Torga, do portuense Alberto de Serpa, e do beirão António Madeira/ Branquinho da Fonseca, entre outros. Estamos perante a segunda geração modernista que acabaria por fundar a revista *Presença*. Além desta revista, Fausto José deu a sua pena à *Byzancio* e à *Tríptico*. Foi colaborador e benfeitor da "*Presença*" até 1940.

Também gostava e participava em tertúlias na casa de José Régio e de Agustina Bessa-Luís, entre outros vultos. Na sua poesia existia sempre a natureza, as coisas simples e telúricas e, em muitos aspetos, era distante do lema da *presença*, mais virada para arte em si, na subjetividade e na vida interior e psíquica do "eu" poético. Assim, há em Fausto José mais proximidade com Guerra Junqueiro, Tomás de Figueiredo e Francisco Bugalho, no sentido de acentuarem o provincianismo que era sempre latente em toda a *Presença*, mas distinta

em Fausto e Bugalho. Dizem os críticos que o facto destes dois poetas estarem mais distantes dos centros de poder (eixo Coimbra- Lisboa) lhe conferiam uma escrita menos profunda, mas mais próxima do estro natural da poesia. Sobre a questão do provincianismo na literatura sabemos que, durante séculos, o antigo, o tradicional, foi visto como superior ao novo na literatura. A popularidade da imitação de modelos antigos foi-se enfraquecendo gradativamente, principalmente a partir do romantismo. No século XX, o novo passou a ser hegemónico, e tudo relacionado ao passado passou a ser frequentemente associado ao que é inferior. O contemporâneo é considerado como sendo cada vez mais autossuficiente. O anglo-americano T. S. Eliot batizou essa tendência de "provincianismo temporal", termo esse, que é retomado no nosso século pelo filósofo e escritor brasileiro António Cícero. Eliot e Cícero testemunham, respetivamente, dois momentos históricos em que a supervalorização do presente se agravou: o modernismo e a era da informação. Em resposta a essa crise, ambos os autores, propõem a conciliação entre a tradição e o novo, entre o passado e o presente. Nesse contexto, o ensino de literatura não contemporânea tem a função crucial de colaborar com a construção de pontes que nos ajudem a não permanecer sitiados no presente

Voltando a Fausto José... Da



sua bibliografia constam dez títulos de poesia: *Fonte branca* (1928); *Planalto* (1930); *Remoinho* (1933); *Síntese* (1934); *Solstício* (1940); *Embalço* (1942); *Dona Donzela Senhorinha* (1946); *É el-rei que vai à caça* (1951); *Voz nua* (1957); e *O livro dos mendigos* (1966). Estas obras são muito difíceis de encontrar, todavia, estes dez livros foram reunidos pela Câmara Municipal de Armamar em dois volumes, publicados em 1999, sob o título genérico de "Obra do poeta Fausto José", prefaciado por Agustina Bessa-Luís. Publicou, além disso, uma obra de natureza ensaística, hoje praticamente ignorada: "Aspetos da política colonial: a escravatura" (1935). Trata-se de «uma dissertação apresentada para 3.º secretário de legação e cônsul de 3.ª classe», no âmbito do concurso

para a carreira diplomática.

Mais uma voz do Douro de dimensão nacional e universal que me orgulho de reler e fazer lembrar.

O autor empírico completou os seus estudos primários em Aldeia de Cima, frequentou o Liceu Nacional de Lamego (1914-1917) e depois o Liceu Central de Rodrigues de Freitas, no Porto (1917-1920).

